

- A avaliação à base de testes e exames, provas de tempo limitado, condiciona fortemente o recurso regular a ferramentas computacionais como o *Geometer's Sketchpad*, o *Cabri* e outras, vocacionadas para um trabalho mais exploratório, investigativo, reflexivo e de duração mais prolongada.

Uma dúvida . . .

O Eduardo reconhece que os programas de Matemática *passaram ao lado* da rica experiência de integração curricular das TIC vivida, ainda que em escala reduzida, no Projecto MINERVA. Mas ele, como a Branca, acham que não serão precisas muitas orientações curriculares nos programas, desde que os professores conheçam o *software*, estudem e aprendam por si (a verdadeira formação) e tenham apoio quando precisam. Afinal, faz ou não falta integrar nas orientações metodológicas dos programas, indicações mais precisas sobre o uso das TIC (que TIC e de que forma?), reflexo dos projectos inovadores nacionais com foi o MINERVA ou resultantes da investigação internacional e nacional que se tem feito?

E os nossos leitores, o que acham?

Encontrarão estas ideias algum eco nos nossos leitores? Partilharão algumas destas preocupações ou, pelo contrário, podem testemunhar experiências bem diferentes? Têm exemplos de boas práticas que possam relatar em defesa das ideias do Eduardo e da Branca sobre as possibilidades de trabalho com uma turma normal, como soluções de 4 ou 5 computadores?

Ficamos à espera... enquanto aguardamos pela(s) próxima(s) Revista(s)

Portefolio digital e desenvolvimento profissional

Digital portfolio as a strategy for teachers' professional development

Digital Portfolio as a strategy for teachers' professional development



Associação de Professores de Sintra (ed.)

Este é o título de uma publicação recentemente editada (2006) pela Associação de Professores de Sintra, no âmbito do trabalho realizado no primeiro ano de um projecto europeu (SOCRATES): o Projecto DigiFolio.

O trabalho envolveu oito instituições de cinco países europeus, entre os quais Portugal e o seu objectivo foi estabelecer um quadro teórico comum sobre o papel dos portefolios digitais nos sistemas educativos dos países participantes.

No Capítulo 1, dá-nos conta de uma síntese comparativa dos relatórios nacionais dos cinco países, em torno de quatro aspectos: o acesso às TIC, as medidas políticas nesta área, o uso das TIC na educação e, em particular, o uso dos portefolios digitais para fins educativos.

No Capítulo 2, inclui um artigo sobre diferentes estratégias de ensino e aprendizagem e sua relação com o uso dos portefolios digitais.

O Capítulo 3, integra um artigo sobre a avaliação da aprendizagem a partir de diferentes abordagens e o capítulo 4 é dedicado aos portefolios digitais e ao desenvolvimento profissional dos professores.

O Capítulo 5, refere o potencial das TIC identificado a partir dos relatórios nacionais e, finalmente, no último capítulo, num artigo de três professores da Universidade de Lisboa, reflecte-se sobre os desenvolvimentos recentes das tecnologias como ajuda ao desenvolvimento do pensamento e da reflexão.

Os professores de Matemática, em particular aqueles que se encontram envolvidos em oficinas de formação em regime de *blended-learning*, com suporte em plataformas a distância, como o *moodle*, encontram aqui algumas leituras de apoio a uma reflexão sobre o uso que está a ser feito dos portefolios digitais.